

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

**A LEITURA NO PERÍODO DE TRATAMENTO  
QUIMIOTERÁPICO**

Adiles Mani Moreira<sup>i</sup> (UPF)  
Miguel Rettenmaier<sup>ii</sup> (UPF)

Cada vez mais, faz-se necessário que a leitura seja viabilizada também em ambientes informais, como hospitais, paradas de ônibus, presídios, etc. Para isso, no entanto, é fundamental a existência de espaços apropriados, como estandes com livros, revistas e jornais, bem como bibliotecas com espaços que permitam realizar essa atividade com mais eficácia. Nesse sentido, este trabalho propõe uma reflexão acerca da importância da leitura feita em ambiente hospitalar, feita especificamente por pacientes em tratamento quimioterápico prolongado.

Para a realização desta pesquisa, investigaram-se as experiências leitoras de pacientes internados no Hospital da Cidade de Passo Fundo (RS), verificando se fazem e que tipo de leitura fazem durante o tempo em que têm de ficar em tratamento quimioterápico. Para tanto, aplicou-se a 20 pacientes um questionário com 10 questões, sendo que 10 deles foram aplicados no Sistema Único de Saúde e, os demais, a pacientes particulares e de convênios. Escolheram-se aleatoriamente os pacientes, mantendo o requisito que tivessem entre 18 e 70 anos e estivessem todos lúcidos e orientados.

Antes de se observar os resultados do questionário, fez-se uma incursão na teoria de Elias (2001), posto que ela trata do modo como as sociedades antigas e atuais têm encarado a morte e como têm lidado com os moribundos<sup>1</sup>. Verificou-se, nesse sentido, que a leitura resulta de uma busca espontânea, de uma atividade efetivamente relacionada ao prazer, – contatando-se, ademais, que, a pacientes em tratamento

---

<sup>1</sup> Termo que, na bibliografia utilizada, faz referência às pessoas que estão em estado terminal ou que, cientificamente, correm risco de vida.

# 15ª Jornada Nacional de Literatura

## *Leituras jovens do mundo*

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

De 27 a 31 de agosto de 2013  
UPF  
Passo Fundo (RS), Brasil.

quimioterápico, independente do estágio da patologia, a leitura desperta interesse, uma vez que, sobretudo, é uma atividade capaz de lhes tranquilizar. A esse respeito, também foi interessante observar que existem indicações, na própria rotina hospitalar, de que a prática leitora proporciona conforto emocional e é uma fonte de entretenimento bastante eficaz aos pacientes.

### **1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS**

A pesquisa realizada se deu especialmente a partir de conceitos e explicitações postas à disposição por Elias (2001) e Petit (2010). Foram utilizadas, nessa direção, concepções relacionadas à leitura e à realidade hospitalar, que buscam demonstrar a possibilidade de ambas estarem associadas.

#### **1.1 Solidão de quem lê e a realidade hospitalar**

Segundo Elias (2001), várias são as maneiras de lidar com o fato de que todas as vidas têm um fim. Pode-se, dentro desse contexto, encarar a morte como um fato relacionado à existência humana, dependendo de cada pessoa a busca por uma despedida menos traumática. Entretanto, é necessário que, para isso, haja uma desmistificação ampla da morte em relação à que existe hoje – valendo destacar, aqui, que o único grupo de seres vivos capaz de identificá-la e prevê-la é o dos humanos.

Não é a morte, mas o conhecimento a seu respeito que cria problemas para o ser humano. Se se observam os rituais criados ao longo dos séculos, pode-se perceber a incessante luta dos seres humanos por condições que lhes deem esperança de vida eterna. Esses rituais chegaram a causar banalizações na história, possíveis de serem notadas até os dias de hoje, como foi o caso da Inquisição, que reforçava o repúdio social contra as pessoas de opiniões religiosas diferentes.

No século XXI, percebe-se que tem diminuído a busca desesperadora pela vida eterna. Se comparada a séculos anteriores, a vida na sociedade se tornou mais previsível, o que acabou por aumentar com a longevidade. As pessoas vivem mais e a própria previsibilidade de uma morte mais distante lhes dá mais segurança. Cumpre

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

destacar, porém, que a visão de uma pessoa moribunda abala as fantasias defensivas do "cuidador", construídas como verdadeiras "muralhas" em relação a seu próprio fim.

A figura da morte sempre foi retratada pela Igreja como algo entre o inferno e o paraíso. A vida, na Idade Média, era mais curta, os perigos menos controláveis, e a morte, muitas vezes, mais dolorosa. O sentido de culpa e o medo de punição, depois da morte, faziam parte da doutrina oficial. Hoje, sabe-se como se aliviam as dores causadas por diversas patologias, o que arrefece o poder das liturgias em termos simbólicos. O medo do inferno e das condenações eternas da alma foram atenuados. Contudo, isso não significa que tenha sido resolvida a questão da morte e as atitudes das pessoas em relação à própria maneira de morrer.

Os adultos evitam falar sobre esse assunto às crianças, limitando-as de um fato da vida que terão de conhecer e compreender. Nunca, como hoje, na história da humanidade, os moribundos foram afastados de maneira asséptica para os bastidores da vida social: notadamente, os corpos são enviados, com perfeição técnica, do leito de morte à sepultura. Observe-se, a esse respeito,

o fato de que gerações anteriores falassem mais abertamente da morte, da sepultura e dos vermes será tomado como indicação dos interesses mórbidos pela morte; suas francas referências às relações físicas entre homens e mulheres, como signos de lascívia ou frouxidão moral. Só quando formos capazes de maior distanciamento de nós mesmos, de nosso estágio de civilização, e nos tornarmos conscientes do caráter específico de nosso próprio limiar de vergonha e repugnância, poderemos fazer justiça às ações e obras de pessoas em outros estágios. (ELIAS, 2001, p.28).

As maneiras da "velha sociedade" de lidar com esse problema parecem mais fáceis, porém são ultrapassadas. Novos rituais que poderiam humanizar a tarefa ainda não existem, de modo que se tem um verdadeiro problema de relação entre vivos e moribundos no século XXI.

O surto de formalização que acompanha o estágio presente da evolução produz, nas pessoas, uma indisposição e, muitas vezes, uma incapacidade de exprimir emoções fortes tanto na vida pública quanto na vida privada. No século XVII, os homens ainda

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

podiam chorar em público. Hoje, só as mulheres o fazem. Padrões tradicionais de comportamento, nas situações de crise da vida, incluindo o uso de frases em rituais, tornam-se uma situação problemática para muitas pessoas.

É importante destacar que a fala espontânea com os moribundos, da qual eles têm especial necessidade, faz-se difícil, levando em conta o modo como as pessoas vivem na sociedade do século XXI. São, portanto, as próprias pessoas que trabalham no âmbito hospitalar que acabam, na medida do possível, por dar estrutura psicológicas aos moribundos, a maioria das quais, porém, é destituída de sentimentos. Isso acaba contribuindo para que o paciente passe a se isolar. Note-se que,

no presente, aqueles que são próximos dos moribundos muitas vezes não têm capacidade de apoiá-los e confortá-los como prova de sua afeição e ternura. Acham difícil apertar a mão do moribundo ou acariciá-lo, proporcionar-lhe uma sensação de proteção e pertencimento. O crescente tabu da civilização atual em relação à expressão de sentimentos espontâneos e forte trava suas línguas e mãos. E os vivos podem, de maneira semiconsciente, sentir que a morte é contagiosa e ameaçadora; afastam-se involuntariamente dos moribundos. Mas, para os íntimos que se vão, um gesto de afeição é talvez a maior ajuda, ao lado do alívio da dor física, que os que ficam podem proporcionar. (ELIAS, 2001, p. 37).

O medo de morrer, para os moribundos, é, em realidade, também um medo de perda ou destruição daquilo que eles próprios consideram significativo. O encobrimento e o recalçamento da morte são, sem dúvida, a finitude reparável de cada existência humana. Porém, o modo do encobrimento mudou com o passar dos anos, tanto que o medo da própria morte é aliviado com a fantasia coletiva de vida eterna. Apesar disso, é fundamental que o afastamento dos moribundos por parte dos vivos seja revisto.

Há, ainda, outro questão preocupante para os que estão nos hospitais: o tratamento quimioterápico – que consiste na administração de medicamentos atuantes sobre as células cancerosas, visando à sua destruição. Os tipos de fármacos a utilizar dependem da neoplasia<sup>2</sup>; e esse tratamento tanto pode ser indicado antes como depois

---

<sup>2</sup> Termo que designa a formação exagerada de células, ou seja, a proliferação celular anormal. A neoplasia pode tanto ser maligna quanto benigna.

# 15ª Jornada Nacional de Literatura

## *Leituras jovens do mundo*

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

De 27 a 31 de agosto de 2013  
UPF  
Passo Fundo (RS), Brasil.

de uma cirurgia. Vale lembrar ainda que, enquanto se está amparando por um tratamento dessa natureza, se está em plena vida, e ler pode reforçar a certeza de que se está vivo e de que se pode viver ainda mais. É, portanto, fundamental que se utilize o tempo do tratamento com outras atividades que não só sejam capazes de estimular reflexões e produzir conhecimento, mas também tenham caráter de reabilitar a própria saúde dos pacientes.

### 1.2 O sentido de ser leitor

Segundo Michèle Petit (2008), no final do século XVIII, na Europa, ocorreu uma revolução na leitura, uma vez que os preços dos livros foram reduzidos e os jornais e livros publicados foram multiplicados. Com isso, mais pessoas passaram a ler, o que, evidentemente, não ocorreu de forma homogênea. No entanto, quase todos os setores da sociedade foram alfabetizados em uma suposta coesão escolarizada, mas não tiveram o acesso que envolveu as partes privilegiadas da sociedade. Tal questão ampliou-se com o passar dos anos. Observe-se que:

Hoje, políticos e intelectuais pedem a restauração de uma coesão social perdida ou ameaçada [...] Preocupam-se principalmente com o que os jovens, sobretudo os que vivem nas periferias de nossas cidades, não dividem o “patrimônio comum”, a antologia de valores, de referências que, como uma rede de palavras, deveria manter unidos aqueles que compõem uma sociedade, pois a juventude que causa preocupação na França é uma determinada juventude; é a que vive nos bairros marginalizados, nas periferias da cidade. É ela que a mídia coloca regularmente em cena, associada ao aumento de violência, à delinquência e ao tráfico de drogas” (PETIT, 2008. p. 46).

A autora citada coordenou uma pesquisa para o Ministério Francês da Cultura, que avaliou o papel das bibliotecas públicas e da leitura para os jovens que vivem em bairros desfavorecidos. Para isso, tentou reencontrar a adolescente que existia nela mesma e, nesse processo, o que mais chamou sua atenção foi o fato de o “mundo estar cheio” e de o adolescente ter de encontrar um lugar para se encaixar.

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

A adolescência, em todas as épocas, tanto para rapazes, quanto para moças é um momento de crescimento, de transformações radicais no corpo. É necessário que se encontrem grupos, pois, entre tantas mudanças, há alguém com quem é possível se entender. Essa é uma fase em que se sente medo e na qual se busca uma identidade.

Uma das coisas que determina a vida é o "peso" das palavras, ou o "peso" de sua ausência. Dentro desse contexto, a biblioteca contribui para a recomposição da identidade. “No fundo, o que estava no âmago da pesquisa era tudo o que, no fato de frequentar uma biblioteca e ler, contribui para que nos tornemos um pouco mais agentes de nossas vidas” (PETIT, 2008. p. 54). Esse efeito também pode ser observado em pacientes sob tratamento, que, vulneráveis aos procedimentos médicos, poderiam resgatar um pouco do sentido de ação de agentes de suas vidas, por intermédio do ato de escolher o que ler.

Os jovens necessitam se expressar bem, sonhar, encontrar sentido e pensar. Querem ser ouvidos e reconhecidos, exatamente como os doentes. Da mesma forma que na adolescência, quando há o futuro em jogo, os pacientes também passam pela dificuldade de vencer uma questão presente e, mais do que tudo, querem ser compreendidos. Em função disso, os livros podem servir de grandes aliados, posto que, se não têm o poder de curar a doença, ao menos podem amenizar a dor, ressignificando pensamentos estereotipados e abrindo novos horizontes ao paciente.

No caso específico de estar internado num hospital, por meio da leitura, é possível, por um lado, buscar outras realidades, outras culturas e formas de ver o mundo, na busca de uma compreensão para um problema grave, por exemplo; e, por outro lado, também é possível optar por uma leitura que traduza exatamente o que se está passando e sentindo: o medo da morte, a solidão, etc. Vale destacar que essa escolha variará, fundamentalmente, segundo o gosto de cada pessoa e seu nível de letramento. Ademais, há, nesse contexto hospitalar, quem busca a leitura para fins de entretenimento, no intuito de aliviar o estresse, e quem a procura apenas por uma questão de empatia. Por isso, os livros, devem estar presentes nos hospitais e ter seu uso

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

estimulado por parte dos médicos, enfermeiros, familiares, cuidadores, enfim, por todos aqueles que, de alguma maneira, estão relacionados aos moribundos.

## **2. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pôde-se contatar que o primeiro valor da leitura, dentro do contexto da pesquisa, é, notadamente, o prazer que ela proporciona ao leitor. Aqui, o livro se apresenta como um instrumento insubstituível para a recuperação em setores da oncologia. O hábito de ler estimula a imaginação, traz informações, sensibilidade, cultiva a inteligência e proporciona ao paciente instrumentos essenciais para toda a espera improvável. Está confirmado que o acesso aos livros em lugares informais faz-se essencial. Apesar disso, eles, por si só, podem não ser suficientes. Não basta saber que materiais para leitura estão à disposição: é preciso encontrar a porta que lhes dê acesso. Para isso, também são necessários os mediadores de leitura, leitores proficientes, capazes de contagiar e de estimular outras pessoas à leitura.

Embora o *corpus* analisado seja pequeno, não podendo representar toda uma realidade de leitura inerente ao domínio discursivo hospitalar, a amostragem permitiu reiterar a importância que essa atividade tem nesses ambientes, especialmente em setores da oncologia. Todas as respostas alertaram essencialmente para a importância da leitura e apontaram para a necessidade de criação de espaços nos quais os livros, da mesma forma que o próprio tratamento, façam parte da vida dos pacientes. Esta parece ser, em vista disso, a próxima ação a ser tomada: a criação de uma biblioteca no Hospital da Cidade de Passo Fundo, não apenas para os pacientes da oncologia, mas para os de todos os setores e especialidades oferecidas.

Este estudo não só servirá de apoio ao Hospital da Cidade de Passo Fundo, mas também permitirá mostrar que a leitura é uma atividade muito eficaz nos âmbitos hospitalares em geral, visto que, além de proporcionar conhecimentos ao paciente, pode entretê-lo, evitando-o do tédio causado por atividades repetitivas, pelas dores, enfim, por toda uma rotina difícil, na qual ninguém entra por opção.

**15ª Jornada Nacional de Literatura**  
*Leituras jovens do mundo*

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura  
e Patrimônio Cultural**  
*Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.*

**De 27 a 31 de agosto de 2013**  
**UPF**  
**Passo Fundo (RS), Brasil.**

**Referências**

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos, seguido de “Envelhecer e morrer”*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura*. São Paulo: Editora 34, 2010. Porto Alegre, 2008.

---

<sup>i</sup> (Graduada em Letras – Português/ Inglês pela Universidade de Passo Fundo e técnica em enfermagem hospitalar pela Universidade de Passo Fundo, Brasil)  
E-mail: adilesmoreira@hotmail.com

<sup>ii</sup> (Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UPF, Doutor em Teoria da Literatura pela PUCRS, Brasil)  
E-mail: mrettenmaier@hotmail.com